

Congresso Internacional **Fernando Pessoa**



Casa
Fernando
Pessoa

MUSEU DE LITERATURA

**12, 13 e 14
FEV 2025**

Durante três dias, em mesas de debate e apresentação de comunicações, o que Fernando Pessoa deixou escrito volta a ser motivo para a organização de um Congresso Internacional em seu nome, agora que passam 90 anos da sua morte.

De quatro em quatro anos, a Casa Fernando Pessoa organiza o Congresso Internacional Fernando Pessoa, que reúne investigadores de diferentes países e um público alargado, composto por pessoas que estudam, ensinam e leem Pessoa.

Este ano, com uma grande variedade de temas e de abordagens, foram organizadas 14 sessões, que nos permitirão conhecer a investigação mais recente feita sobre Fernando Pessoa.

A Casa Fernando Pessoa agradece à Comissão Organizadora da edição de 2025 do Congresso – Antonio Sáez Delgado, Joana Matos Frias, Pedro Sepúlveda e Rita Patrício –, às instituições parceiras – FLAD, IELT – Nova FCSH – e naturalmente à entidade anfitriã – Fundação Calouste Gulbenkian.

Clara Riso

Diretora da Casa Fernando Pessoa
Lisboa Cultura

Índice

- 4 **Programa**
- 8 **Resumo das Comunicações e Notas Biográficas**
- 9 **Andressa Jove Godoy e Antonia Mora-Luna**
Fernando Pessoa na cultura escolar do ensino secundário português
Um estudo histórico e pedagógico
- 11 **Anna M. Klobucka**
«Pessoa pornógrafo: uma revisitação do Epithalamium»
- 12 **António Apolinário Lourenço**
Vida, Morte e Sobrevida de Alberto Caeiro
- 13 **António Guerreiro**
Homenagem a Manuel Gusmão e Nuno Júdice
- 14 **Antonio Sáez Delgado**
Fernando Pessoa, santo cultural
- 15 **Caio Gagliardi**
Um encontro silencioso
Fernando Pessoa e Valery Larbaud
- 16 **Carlotta Defenu**
O original e a cópia
- 17 **Diego Giménez**
A Pós-textualidade Filosófica no *Livro do Desassossego*
- 18 **Fernando Cabral Martins**
A heteronímia e o oculto
- 19 **Flávio Penteado**
Do repto ao rapto ou quatro peças pessoais do século XXI
- 20 **Giorgio de Marchis**
«Mandeí, capitão, fuzilar os camponeses trémulos»
Pessoa ou o poeta da força
- 21 **Inês Rebelo do Carmo**
A ortografia em Pessoa
Estilo, convicção e “dever cultural”
- 22 **Joana Matos Frias**
Problema em linha recta
- 23 **João Dionísio**
«Jaz morto»
- 24 **João Moura Fernandes**
Da Ode Triunfal ao Triunfo do Verso Livre em Língua Portuguesa
- 25 **Jordi Cerdà**
“Pessoa, nativo do reino da Cacânia”
A Pós-modernidade e os seus espaços europeus
- 26 **Jorge Uribe**
Voragens e paradoxos do modernismo internacional
- 27 **Manuel Portela**
Visões e visualizações
A leitura em segundo grau

- 28 Manuela Parreira da Silva**
Poesia e Tradução
- 29 Mariana Pinto dos Santos**
Relação entre interseccionismo e política em *A Engomadeira* de Almada Negreiros
- 30 Miguel Tamen**
Interpretação e Edição
- 31 Nuno Amado**
Notas para a leitura de um apontamento de Álvaro de Campos
- 32 Osvaldo Manuel Silvestre**
Interpretação e Edição
- 33 Pedro Sepúlveda**
O mundo de Álvaro de Campos
- 34 Ricardo Vasconcelos**
Livro do Desassossego, ou as virtudes de um livro (sobre um) falhado
- 35 Richard Zenith**
Poesia e Tradução
- 36 Rita Patrício**
"Além-Deus"
Uma leitura
- 37 Rita Taborda Duarte**
Homenagem a Manuel Gusmão e Nuno Júdice
- 38 Rosa Maria Martelo**
Homenagem a Manuel Gusmão e Nuno Júdice
- 39 Rui Sousa**
Os heterónimos e as etapas da história das religiões, a partir da Biblioteca Pessoal de Fernando Pessoa
- 40 Talita Lilla**
"Erraste, Poeta!"
Pessoa e a flecha apontada para si
- 41 Taynnã de Camargo Santos**
"Um animal humano que a Natureza produziu"
Os animais na obra de Alberto Caeiro
- 42 Teresa Líbano Monteiro**
Fernando Pessoa: questão que tenho comigo mesmo
José Régio crítico ante a obra pessoana
- 43 Vincenzo Russo**
Pessoa e o Ocidente

Programa



12 FEV

Quarta

9h30 **Receção aos participantes**10h **Abertura****António M. Feijó**

Presidente do Conselho
de Administração da Fundação
Calouste Gulbenkian

Clara Riso

Diretora da Casa Fernando Pessoa

Pedro Moreira

Presidente do Conselho de
Administração da Lisboa Cultura

Carlos Moedas

Presidente da Câmara Municipal
de Lisboa

10h30 **INTERPRETAÇÃO E EDIÇÃO****Miguel Tamen****Oswaldo Manuel Silvestre**

Moderação: Maria Sequeira Mendes

11h45 **Pausa**12h15 **MODERNIDADE****Jordi Cerdà**

**“Pessoa, nativo
do reino da Cacânia”**

**A Pós-modernidade
e os seus espaços europeus**

Jorge Uribe

**Voragens e paradoxos do
modernismo internacional**

João Moura Fernandes

**Da Ode Triunfal ao Triunfo
do Verso Livre em Língua
Portuguesa**

Moderação: Carlotta Defenu

13h30 **Almoço**15h **COMBATES****Mariana Pinto dos Santos**

**Relação entre
interseccionismo
e política em
A Engomadeira
de Almada Negreiros**

Talita Lilla

**“Erraste, Poeta!”
Pessoa e a flecha
apontada a si**

Moderação: Antonio Sáez Delgado

16h30 **ELOS****Taynnã de Camargo Santos**

**“Um animal humano
que a Natureza produziu”**

**Os animais na obra
de Alberto Caeiro**

Nuno Amado

**Notas para a leitura
de um apontamento
de Álvaro de Campos**

Pedro Sepúlveda

**O mundo de
Álvaro de Campos**

Moderação: Joana Matos Frias

13 FEV

Quinta

10h **HOMENAGEM**

**António Guerreiro
e Rita Taborda Duarte**
**Homenagem
a Manuel Gusmão
e Nuno Júdice**

Moderação: Clara Riso

11h15 Pausa

11h45 **IMAGENS**

Anna M. Klobucka
**“Pessoa pornógrafo:
uma revisitação
do Epithalamium”**

Antonio Sáez Delgado
**Fernando Pessoa,
santo cultural**

Vincenzo Russo
Pessoa e o Ocidente

Moderação: Jorge Uribe

13h Almoço

14h30 **BIBLIOTECA**

Manuel Portela
Visões e visualizações
A leitura em segundo grau

Rui Sousa
**Os heterónimos e as etapas
da história das religiões,
a partir da Biblioteca
Pessoal de Fernando Pessoa**

Moderação: Pedro Sepúlveda

16h **ENCONTROS**

Caio Gagliardi
Um encontro silencioso
**Fernando Pessoa
e Valery Larbaud**

Teresa Líbano Monteiro
**Fernando Pessoa: questão
que tenho comigo mesmo**
**José Régio crítico
ante a obra pessoana**

Moderação: Vincenzo Russo

17h15 Pausa

17h30 **GUERRA**

João Dionísio
“Jaz morto”

Giorgio de Marchis
**“Mandei, capitão, fuzilar
os camponeses trémulos”**
Pessoa ou o poeta da força

Moderação: Mariana Pinto
dos Santos

14 FEV

Sexta

10h

POESIA E TRADUÇÃO

Richard Zenith

Manuela Parreira da Silva

Moderação: Fernando
Cabral Martins

11h15

Pausa

11h45

TRANSIÇÕES

Ricardo Vasconcelos

Livro do Desassossego,
ou as virtudes de um livro
(sobre um) falhado

Rita Patrício

“Além-Deus”
Uma leitura

Joana Matos Frias

Problema em linha recta

Moderação: João Dionísio

13h

Almoço

14h30

ESCRITA

Carlotta Defenu

O original e a cópia

Inês Rebelo do Carmo

A ortografia em Pessoa

Estilo, convicção
e “dever cultural”

Moderação: Manuel Portela

15h45

ECOS

Diego Giménez

*A Pós-textualidade
Filosófica no Livro
do Desassossego*

Flávio Penteado

*Do repto ao rapto
ou quatro peças pessoais
do século XXI*

Andressa Jove Godoy e

Antonia M.^a Mora-Luna

*Fernando Pessoa na
cultura escolar do ensino
secundário português*

Um estudo histórico
e pedagógico

Moderação: Rita Patrício

17h

Pausa

17h30

GÉNESES

António Apolinário

Lourenço

*Vida, Morte e Sobrevida
de Alberto Caeiro*

Fernando Cabral Martins

A heteronímia e o oculto

Moderação: Manuela Parreira
da Silva

18h30

Encerramento

Andressa Jove Godoy e Antonia Mora-Luna

Fernando Pessoa na cultura escolar do ensino secundário português

Um estudo histórico e pedagógico

Na educação literária portuguesa prevalece o princípio de representatividade associado ao valor histórico-cultural e patrimonial da língua. A escola assegura o acesso a um capital cultural que, no domínio literário, se materializa num cânone literário pedagógico. Algumas obras de Fernando Pessoa ocupam um lugar de destaque no *corpus* da literatura escolar e, curiosamente, tanto na área da história da educação, como na da filologia, existe uma carência de estudos que abordem a sua receção escolar. Tendo isso em vista, acreditamos que a reconstrução do processo da canonização escolar de Fernando Pessoa permitirá compreender o valor educativo que tem sido atribuído aos seus textos. Assim, o nosso projeto de investigação tem como objetivo estudar a tradução pedagógica da obra de Fernando Pessoa na educação formal portuguesa através da análise de sua presença, representação e papel na cultura escolar do ensino secundário. Em nosso estudo, consideramos os três eixos de análise da cultura escolar: i. discursos teóricos sobre o ensino da literatura, ii. prescrições curriculares estabelecidas pelo corpo jurídico-normativo, e iii. registos empíricos da prática docente, como propostas pedagógicas, manuais escolares, exames nacionais, antologias, edições adaptadas, além de narrativas de professores e professoras da área.

Andressa Jove Godoy é bolsista de doutoramento no Programa Doutoral em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, onde desenvolve o projeto “Paradigmas de ensino de literatura no ensino secundário – Um estudo a partir de histórias de vida de professores e professoras”. É mestre em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro e licenciada em Letras pela Universidade Federal de São Carlos – Brasil. Publicou artigos acerca dos impactos da educação literária na formação profissional de professores de literatura e sobre a evolução editorial e estética do cânone escolar português prescrito aos estudantes do primeiro ciclo.

Antonia Mora-Luna, nascida em Málaga, Espanha, é investigadora no Departamento de Educação Comparada e História da Educação da Universitat de València. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Granada, licenciou-se em Filologia Hispânica e também em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Autora de publicações e edições relacionadas com a História da Educação Literária, atualmente desenvolve um projeto de investigação que estuda a tradução pedagógica de autores canónicos espanhóis e portugueses na cultura escolar de ambos os países. Foi cofundadora e editora da *Impossibilia. Revista Internacional de Estudos Literários*. Traduziu a novela gráfica *Balada para Sophie*, de Filipe Melo e Juan Cavia.

Anna M. Klobucka

«Pessoa pornógrafo: uma revisitação do *Epithalamium*»

Esta comunicação procurará visitar *Epithalamium*, um dos dois longos poemas eróticos de Fernando Pessoa escritos e publicados em inglês, que, ao contrário do seu par *Antinous*, tem merecido uma atenção crítica muito mais escassa. Para além de reexaminar, levando em conta as leituras críticas surgidas nos últimos anos, a inscrição motivada e contrastante de ambos os poemas no projetado mas apenas parcialmente realizado «ciclo amoroso» de Pessoa, a análise incidirá em particular na construção do *Epithalamium* como uma “pornotopia”, conceito proposto e desenvolvido inicialmente por Stephen Marcus em *The Other Victorians: A Study of Sexuality and Pornography in Mid-nineteenth-century England* (1966) e mais recentemente reaproveitado por Paul B. Preciado em *Pornotopia: An Essay on Playboy's Architecture and Biopolitics* (2014). A minha hipótese condutora é que o insucesso do projeto pornotópico de Pessoa no *Epithalamium* se deve ao imperativo de o poema seguir em simultâneo as lógicas, contraditórias entre si, de representação utópica e distópica. Enquanto aquela obedece aos princípios que gerem a definição do género literário “epitalâmio” e a maximização do prazer e do desejo como o objetivo definidor da produção pornográfica, esta procura, ao contrário, inferiorizar e tornar literalmente indesejável o exercício da heterossexualidade reprodutiva representado no poema.

Anna M. Klobucka é professora nos departamentos de Português e de Women's and Gender Studies da Universidade de Massachusetts em Dartmouth. É autora ou organizadora de vários livros, incluindo *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade* (coorganizado com Mark Sabine; Assírio & Alvim, 2010, ed. original University of Toronto Press, 2007) e *O Mundo Gay de António Botto* (Sistema Solar, 2018).

António Apolinário Lourenço

Vida, Morte e Sobrevida de Alberto Caeiro

No período anterior à sua estreia como poeta em português, Fernando Pessoa leu atentamente o escritor latino Horácio, cujo Apodo II, no qual elogia a vida campestre e a ausência de ambições mundanas, merece ser considerado um antecedente direto de dois dos heterónimos: Ricardo Reis e Alberto Caeiro. E é a propósito da redação alegadamente compulsiva de *O Guardador de Rebanhos* que, em carta a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa confessa que fora Caeiro a apossar-se de si quando tentava inventar, para surpreender Sá-Carneiro, “um poeta bucólico de espécie complicada”.

Sendo o heterónimo esteticamente mais afastado do autor, Pessoa não lhe concedeu, no ato de nascimento, mais do que o ano de vida suficiente para produzir ficticiamente os poemas que sustentariam um livro a publicar em 1915, sem qualquer associação formal ao autor empírico. Constituiria o ponto de partida de uma criação literária apócrifa, que culminaria com a proclamação futura de um poeta plural e multifacetado. Falhado o projeto, no momento desejado, Alberto Caeiro, cuja poesia foi pela primeira vez publicada na revista *Athena* em janeiro de 1925 (dez anos após a data fixada para o seu falecimento por Fernando Pessoa), acabaria por conhecer várias mortes e ressurreições.

António Apolinário Lourenço é professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde lecionou disciplinas de todos os graus académicos, incluindo Estudos Pessoaanos. Integra, desde a fundação dessa unidade de investigação, a Comissão Executiva do Centro de Literatura Portuguesa. É autor ou editor de mais de duas dezenas de livros publicados em Portugal, Espanha, Brasil e Estados Unidos da América, entre os quais *Identidade e Alteridade em Fernando Pessoa e Antonio Machado* (1995), *Fernando Pessoa* (2009), *Guia de Leitura. Mensagem de Fernando Pessoa* (2011), *O Modernismo* (2015, em colaboração com Carlos Reis), e edições anotadas e comentadas de *Mensagem* (1994, com sucessivas reedições, algumas das quais bilingues), *Tempo de Orfeu* (2003) e *O Marinheiro* (2023).

António Guerreiro

Homenagem a Manuel Gusmão e Nuno Júdice

Manuel Gusmão e Nuno Júdice deixaram-nos leituras atentas e produtivas da obra pessoana. Esta mesa pretende celebrar a relevância e a atualidade desses contributos. O que continuamos a aprender sobre Fernando Pessoa com estes dois poetas-críticos?

António Guerreiro é cronista e crítico literário do jornal *Público*, editor da revista *Electra* (Fundação EDP) e docente convidado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Além de colaboração dispersa em revistas, catálogos e livros coletivos, é autor dos livros: *O Acento Agudo do Presente* (2000), *O Demónio das Imagens. Sobre Aby Warburg* (2018) e *Zonas de Baixa Pressão* (2021).

Antonio Sáez Delgado

Fernando Pessoa, santo cultural

A existência póstuma ou sobrevida de Fernando Pessoa constitui um espaço de reflexão privilegiado à luz dos princípios teóricos de disciplinas como a imagologia. As suas obra e imagem compõem hoje um cenário onde canonização e imortalidade ocupam um espaço central, com uma inevitável dimensão social. Em 2017, Marijan Dovic e Jón Karl Helgason publicaram *National Poets, Cultural Saints. Canonization and Commemorative Cults of Writers in Europe*, propondo um paradigma para o estudo do processo de santificação de alguns autores europeus, transformados em «Poetas Nacionais». Este paradigma adapta-se na perfeição ao caso de Fernando Pessoa, não obstante o potencial simbólico da heteronímia como uma geografia da multiplicidade identitária que se posiciona frente a frente, em termos do estatuto nacional, com a hiperidentidade proposta por Eduardo Lourenço como um dos elementos definidores da realidade portuguesa. Esta comunicação pretende, portanto, analisar a figura de Fernando Pessoa à luz da proposta teórica de Dovic e Helgason, através da aplicação dos três princípios teóricos (*Vita, Cultus, Affectus*) definidos pelos dois críticos.

Antonio Sáez Delgado é professor catedrático da Universidade de Évora, onde é responsável pela Cátedra de Estudos Ibéricos e investigador do CIDEHUS. É especialista nas relações literárias entre Portugal e Espanha nas épocas moderna e contemporânea, e tradutor para espanhol de autores como Fernando Pessoa, José Saramago, António Lobo Antunes ou Lúcia Jorge, entre outros. É colaborador habitual de *Babelia*, suplemento cultural do jornal *El País*, e diretor da *Suroeste. Revista de literaturas ibéricas*. Em 2008 recebeu o prémio Giovanni Pontiero de tradução e em 2014 o prémio Eduardo Lourenço.

Caio Gagliardi

Um encontro silencioso

Fernando Pessoa e Valery Larbaud

Em 1913, era publicada a edição das *Œuvres complètes de Barnabooth*, pela NRF, na qual uma breve nota introdutória apresenta Valery Larbaud (1881-1957) como seu editor. A edição é composta pelo *Journal d'un Milliardaire*, posteriormente intitulado *Journal Intime de A. O. Barnabooth*, cuja primeira versão (em forma de biografia, intitulada simplesmente *Vie de Barnabooth*, atribuída a X. M. Tournier de Zamble) é de 1908, mesmo ano do conto “Le Pauvre chemisier” e de seus *Poèmes*. Esse quadro ficcional anterior ao surgimento dos heterónimos é, em si mesmo, inquietante. Barnabooth não é um simples pseudónimo ou uma personagem literária, mas uma máscara criadora com biografia própria. Parte de seus críticos, enriquecidos pelo conceito pessoano de heteronímia, não hesitam em identificar Barnabooth como um *heterónimo* de Larbaud. Embora não haja provas de contato entre o escritor francês e o português, Octavio Paz considera impossível que Pessoa não tivesse conhecido “o livro de Larbaud”. Neste trabalho, propomos revisitar a relação entre ambas as obras, com foco comparativo nos textos e na revisão de sua fortuna crítica específica.

Fernando Pessoa, Valery Larbaud, A. O. Barnabooth,
Octavio Paz, Heteronímia.

Caio Gagliardi é Professor Associado de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, onde coordena o grupo de pesquisa Estudos Pessoaanos. Compõe também a Equipa do Projeto *Estranhar Pessoa*, da Universidade Nova de Lisboa. É atualmente pesquisador visitante na Université Sorbonne Nouvelle (2024-2025), tendo realizado pesquisas na *Università degli Studi di Roma “La Sapienza”* (2014 e 2019) e no Departamento de Teoria Literária da USP (2008). É autor de *Fernando Pessoa ironista* (2024), no prelo; *O renascimento do autor: autoria, heteronímia e fake memoirs* (2019) e organizador do volume *Fernando Pessoa & Cia. não heterônima* (2019), entre outros.

Carlotta Defenu

O original e a cópia

A grande maioria das reflexões críticas sobre a heteronímia pessoana tem-se geralmente desenvolvido em torno de temáticas centrais, tais como a da relação entre sinceridade e insinceridade (Simões, 1950), a natureza explicativa ou mitológica da descrição da génese heterónima (Tamen, 2002; Lourenço, 1973) ou a comparação entre o relato pessoano e as evidências filológicas (Castro, 2014).

Este último polo interpretativo permanece um aspeto até agora pouco explorado, sobretudo no que diz respeito à reflexão sobre as variantes textuais observáveis nos manuscritos dos poemas atribuídos por Pessoa aos diferentes heterónimos.

O objetivo do presente contributo é o de efetuar uma análise genética comparativa dos poemas ortónimos e heterónimos de Fernando Pessoa, na tentativa de demonstrar que durante a composição dos textos heterónimos, o autor afastava-se progressivamente da sua voz ortónima para aproximar-se às idiosincrasias expressivas das vozes heteronímicas. Nesse sentido, o autor ortónimo institui-se como o “poeta original”, o ἀρχή (arqué) fundamental a partir do qual se desenvolvem as vozes poéticas de Campos, Reis e Caetano, num processo através do qual a individualidade de cada voz heterónima emerge a partir da diferenciação e do afastamento relativamente à voz original do ortónimo.

Carlotta Defenu é bolsista de Pós-Doutoramento no âmbito do projeto de investigação Modernismo.pt do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade NOVA de Lisboa. A sua investigação foca-se no tratamento e na edição dos espólios de Ronald de Carvalho e Armando Côrtes-Rodrigues. Doutorou-se em Crítica Textual na Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a génese e a reescrita da poesia ortónima de Fernando Pessoa. Publicou vários artigos e capítulos de livros com foco em questões de crítica textual, crítica genética e estudos genéticos de tradução.

Diego Giménez

A Pós-textualidade Filosófica no *Livro do Desassossego*

No trabalho a apresentar, procurei identificar correspondências entre passos de Martin Heidegger, Michel Foucault, Roland Barthes, Paul De Man, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Fredric Jameson, entre outros teóricos, com passagens do autor do *Livro do Desassossego*, com o intuito de estudar algumas relações entre textos de Pessoa e textos de filósofos de meados do século XX e princípios do século XXI. Viso, assim, neste trabalho, mapear essas relações entre textos e contextualizá-las mediante o sensacionismo. Entendo, neste caso, a pós-textualidade como uma relação de continuidade temática e teórica que não se baseia necessariamente em uma relação direta entre os textos, mas antes mediada pela leitura. Os textos dos filósofos são lidos como comentários ou respostas aos textos pessoanos. Para o mapeamento das relações textuais, utilizei as ferramentas de taxonomização e anotação que fornece o *Arquivo LdoD* (<https://ldod.uc.pt/>).

O trabalho que apresento inscreve-se na investigação de pós-doutoramento intitulada "A dimensão filosófica e crítica do *Livro do Desassossego* nas suas representações e a sua influência no pensamento (do) contemporâneo. Da modernidade à pós-modernidade", concretamente na terceira fase da investigação. Anteriormente, foram estudadas a Intertextualidade Filosófica e a Taxonomia Filosófica no *Livro do Desassossego*.

Diego Giménez doutorou-se em Literatura e Pensamento na Universidade de Barcelona, com uma tese sobre o *Livro do Desassossego*. Licenciou-se em Filosofia e fez o mestrado em Estudos Literários na mesma universidade. Trabalhou na redação de *La Vanguardia.com* e cofundou em 2008 a *Revista de Letras*. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e investigador no há "Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*", da Universidade de Coimbra. Foi investigador de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Londrina lecionou as disciplinas Teoria do Poema e Teoria da Narrativa. Desde 2018 é investigador no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

Fernando Cabral Martins

A heteronímia e o oculto

O aparecimento de Alberto Caeiro é definido por Pessoa, em 1930, como “um acto de magia intelectual”, o que implica uma inesperada relação com o oculto. Por outro lado, aquela “*verdade real*” que Pessoa suspeita residir na teosofia (segundo carta a Sá-Carneiro de 1916) coloca um evidente desafio à concepção materialista do sensacionismo. A “ciência de ver” que é fulcro da heteronímia ganha, assim, um novo sentido.

Fernando Cabral Martins é professor jubilado da Universidade Nova. Publicou livros sobre Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Carlos de Oliveira, Mário Cesariny e ensaios dispersos sobre literatura, pintura e cinema. Organizou um *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, além de edições e antologias de poetas do século XX.

Flávio Penteado

Do repto ao rapto ou quatro peças pessoais do século XXI

Nas literaturas lusófonas, há inúmeras ocorrências de diálogo criativo com a “vidobra” de Fernando Pessoa. Esta comunicação se acerca de tal tendência não por meio da poesia ou da prosa de ficção – caminhos frequentemente percorridos nos estudos pessoanos –, mas sim da dramaturgia. Para tanto, serão discutidas quatro peças compostas por Armando Nascimento Rosa, dramaturgo, ensaísta e criador musical contemporâneo: *Audição – Com Daisy ao vivo no Odre Marítimo* (2002); *Cabaré de Ofélia* (2007); *Menino de sua avó* (2012); *O Rapto da Rainha Vitória* (2024). As primeiras formam um díptico, cujos nexos mais explícitos remetem a personagens em comum, inspiradas por elementos do universo pessoano: Daisy Mason e Mary Burns (esta também referida no mais recente dos quatro textos). Apesar de a terceira e a quarta peça responderem a regimes distintos de concepção cênica e dramatúrgica, todo o conjunto mobiliza recursos como a aliança entre a investigação documental e a fecundidade imaginativa, o desdobramento das figuras em cena ou o cultivo de elementos paródicos e metadiscursivos. Tais aspectos dão notícia dos influxos de Pessoa em práticas artísticas contemporâneas, para além da hipereposição a que tem estado sujeito nas últimas décadas.

Flávio Rodrigo Penteado é bolseiro de pós-doutoramento do projeto *Estranhar Pessoa* e membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Compõe, ainda, o grupo *Estudos Pessoaanos*, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É também professor adjunto convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa, onde ensina História do Teatro e Literatura Dramática. Publicou diversos artigos em revistas especializadas e capítulos de livros, vários deles focados em Pessoa e nas componentes dramáticas de seus escritos.

Giorgio de Marchis

«Mandei, capitão, fuzilar os camponeses trémulos»

Pessoa ou o poeta da força

Em 1918, num dos primeiros estudos consagrados à neurose de guerra, Karl Abraham resumiu nestes termos a dupla pulsão de morte que o soldado na frente de combate não pode eludir: «É-lhe exigido não só que esteja pronto para morrer, mas também que esteja pronto para matar». Esta permanente contiguidade com a morte coloca a experiência traumática do campo de batalha sob o signo de uma descontinuidade radical com tudo o que a precede e a sucede, pelo que parece legítimo procurar na literatura de guerra vestígios da mudança vivida pelo combatente, de modo a tentar compreender o que a frente de combate revela de assustador ao soldado – subitamente forçado a habitar um mundo de inaudita violência.

Nalguns textos escritos por Fernando Pessoa durante o conflito e no pós-guerra, é possível reconhecer a percepção por parte do poeta do espírito de destruição que subjuga o combatente. Neste sentido, como se procurará demonstrar, as considerações pessoais sobre a violência bélica apresentam interessantes afinidades com o que Simone Weil e Rachel Bepaloff, durante a Segunda Guerra Mundial, escreverão sobre o espírito da força nas suas respetivas interpretações da *Ilíada*.

Giorgio de Marchis é professor de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade Roma Tre, onde coordena a Cátedra Camões, I.P. “José Saramago” e a Cátedra “Agostinho Neto” de estudos angolanos. Escreveu artigos, ensaios e monografias sobre autores, revistas e características do Modernismo português, reservando especial atenção à obra de Mário de Sá-Carneiro e José Régio, autores dos quais organizou a edição crítico-genética dos livros *Dispersão e Fado*. Para várias editoras italianas, traduziu escritores angolanos, brasileiros, moçambicanos e portugueses. Atualmente, estuda a memória literária da guerra nos escritores portugueses e brasileiros que participaram na Primeira e na Segunda Guerra Mundial.

Inês Rebelo do Carmo

A ortografia em Pessoa

Estilo, convicção e “dever cultural”

Fenómeno cultural, espiritual, aristocrático: assim era descrita a ortografia por Fernando Pessoa. Para si, a apresentação e a composição de cada palavra eram parte consciente – e essencial – da escrita; um dever cultural. Nesta comunicação observam-se, então, as flutuações na ortografia de Fernando Pessoa (ortónimo), com o objetivo de identificar de que forma o autor adaptava a grafia das palavras ao carácter do texto e à finalidade da publicação. Para o conseguir, foram analisadas as publicações periódicas nas quais Pessoa, durante a sua vida, tenha publicado pelo menos dois textos, tomando por base a Edição Digital de Fernando Pessoa (pessoadigital.pt). Destas, dá-se especial atenção a *Athena* e a *Orpheu*, por serem as duas em que o poeta desempenhava também funções editoriais, tendo, assim, maior poder de decisão sobre as escolhas ortográficas. Foi ainda analisada a ortografia utilizada em *Mensagem*, como ponto de referência e de comparação. Partindo deste *corpus*, procura-se identificar que alterações ortográficas ocorrem na escrita de Pessoa e se estas de alguma forma se relacionam com a natureza da publicação, na busca de um entendimento de como o poeta usava a ortografia e de como esta enriquecia e servia os seus textos.

Inês Rebelo do Carmo é licenciada e mestre em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL) e mestre em Edição de Texto pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). As suas dissertações de mestrado incidiram, respetivamente, sobre A Correção da Língua Portuguesa na Imprensa e A Influência do Género, do Autor e da Fonte na Revisão de uma Obra de Ficção. Está a fazer o Doutoramento em Estudos Portugueses, com especialização em Estudos Literários, pela FCSH-UNL, encontrando-se a desenvolver uma tese sobre o uso do desvio linguístico enquanto recurso literário. Colabora com a Edição Digital de Fernando Pessoa — Projetos e Publicações. É revisora linguística em regime livre e assistente convidada na ESCS-IPL.

Joana Matos Frias

Problema em linha recta

Um dos mais conhecidos poemas de Álvaro de Campos tende a dividir a atenção dos leitores entre o efeito inusitado do título – “Poema em linha recta” – e o desconcerto não tão geométrico do primeiro verso, “Nunca conheci quem tivesse levado porrada”. Se é rara a porrada na obra (de Campos ou de qualquer um dos outros), o mesmo não poderá dizer-se da linha recta, que numa circunstância distinta cumpre até o papel de determinar o traço essencial de um certo tipo de poesia. Colocar o problema em linha recta significa assim tentar ler o poema de Campos à luz de um conceito específico de poesia, sem descurar a convergência que em Pessoa se dá entre a “alma não euclidiana” e “uma geometria mental mais da velha tradição”.

Joana Matos Frias é Professora de Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e colaboradora do Projecto Estranhar Pessoa. Entre outros volumes de ensaios publicou, em 2023, *Oscilações (poesia em todos os sentidos)*, e em 2025 publicará o livro *Sob influência (fogos sem fronteiras)*.

João Dionísio

«Jaz morto»

Foi recentemente localizado no espólio de Eduardo Lourenço um documento que relaciona o poema de Pessoa «O menino da sua mãe» (publicado em 1926, 1928 e 1930) com certa composição, intitulada «Um sonho», que o escritor russo Mikhail Lermontov (1814-1841) terá redigido no seu último ano de vida. O documento em causa regista uma intuição de Eduardo Lourenço que será explorada nesta comunicação em diferentes sentidos. Depois de uma introdução breve sobre o conhecimento que Pessoa tinha da literatura russa, será dada atenção à natureza do vínculo que parece estabelecer-se entre os dois textos e, por esta via, a um tipo de imaginação poética pessoana que com frequência aparenta estar ancorada na tradição literária. A parte final da comunicação centra-se em Lourenço enquanto *bricoleur* poético, alguém que procura colocar-se na posição de Pessoa perante Lermontov, tentando calcular algumas operações de transição de um poema para o outro.

João Dionísio é professor de Literatura Portuguesa e de Crítica Textual na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dá aulas desde 1990. Tem colaborado na edição crítico-genética da obra de Fernando Pessoa, sendo autor do livro *Doença bibliográfica. Espólio e edição de Fernando Pessoa et al.*, Lisboa: Imprensa Nacional, de 2021. Foi responsável pela edição de *O Labirinto da Saudade e Outros Ensaios sobre a Cultura Portuguesa*, o tomo XIII das obras completas de Eduardo Lourenço (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian), de 2023.

João Moura Fernandes

Da Ode Triunfal ao Triunfo do Verso Livre em Língua Portuguesa

Nos últimos cinquenta anos, o verso livre tornou-se o padrão da poesia em língua portuguesa. Contudo, essa constatação não esclarece aspectos relevantes da produção recente. Isso porque o conceito de verso livre costuma ser empregado de forma negativa, com mais foco na ausência de métrica regular do que nas qualidades presentes nos textos, e excessivamente genérica, abrangendo obtusamente uma ampla variedade de práticas poéticas díspares que vai de versos longos e rígidos, como em *Tabacaria* de Fernando Pessoa, a versos curtos e fragmentados, como em *O Poema* de Ana Luísa Amaral. Para preencher essa lacuna teórica e possibilitar um debate mais preciso e estruturado, desenvolvi uma investigação acerca das diferentes formas do verso livre, de que resultou a proposição de uma tipologia baseada nas subcategorias de Verso Livre Tradicional (VLT), Verso Livre Polimétrico (VLP), Verso Liberto/Fantasma (VLF), Verso Livre Curto (VLC) e Verso Livre Novo (VLN). Enquanto buscava delinear características específicas, historicidades e implicações de cada uma delas no sistema poético lusófono, revelou-se incontornável compreender o protagonismo de Fernando Pessoa no processo de aceitação do verso livre como forma legítima e expressiva – em especial, a contribuição da *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos ao triunfo do verso livre entre nós.

João Moura Fernandes nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. Bacharel em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente desenvolve a sua pesquisa de doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), após atuar por um ano como Visiting Assistant in Research na Universidade de Yale (CT, EUA). É escritor, tradutor, pesquisador, e a sua pesquisa crítica e criativa gira em torno das inovações rítmicas e formais do verso livre moderno.

Jordi Cerdà

“Pessoa, nativo do reino da Cacânia”

A Pós-modernidade e os seus espaços europeus

Foi evidenciado que as várias crises de identidade (ideológica, religiosa ou sexual) ou o ceticismo em relação a certas ideias da modernidade experimentadas e desenvolvidas na cultura vienense do início do século XX foram antecipações das múltiplas crises do último terço do mesmo século.

A revalorização desta cultura centro-europeia e o chamado boom pessoano não é apenas uma concomitância, constitui também uma marca cultural deste período de pós-modernidade. Logo após o processo revolucionário português e durante a incorporação de Portugal na Comunidade Económica Europeia, a leitura de Pessoa foi investida de um novo contexto em que se corroborou um (des)encantamento político.

Retiro o título desta comunicação de uma leitura que Agustina Bessa-Luís fez de Pessoa em unísono com os grandes criadores da Secessão Vienense, nesse reino de Cacânia de que dizia ter-se naturalizado o poeta português. Pessoa é apresentado como um herdeiro crítico e ambíguo do Iluminismo, um representante da *Nachmoderne* que se realiza pela travessia da modernidade, seu obstáculo dialético e, ao mesmo tempo, sua condição de vida; “Eis o exemplo de modernidade negativa, de revolução conservadora como foi a revolução de Pessoa” (Bessa-Luís, 1988).

O objetivo é, pois, lançar um olhar crítico sobre as leituras feitas nesses anos do boom internacional de Pessoa, em que Portugal colocou o seu grande poeta no cânone europeu.

Jordi Cerdà Subirachs é professor de Filologia Românica na Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Lecionou também na Universidade Nova de Lisboa e na Universitat de Barcelona, e dirigiu a Cátedra José Saramago / UAB. Ao longo do seu trabalho como investigador, publicou diversos trabalhos sobre as relações entre as literaturas ibéricas, especialmente sobre a receção de Fernando Pessoa no contexto catalão e hispânico por extensão.

Jorge Uribe

Voragens e paradoxos do modernismo internacional

A fabricação de uma *coterie* de entidades poéticas, fingidas como autónomas e extremamente fecundas, é certamente um traço distintivo e potencialmente único da obra de Fernando Pessoa. Porém, a capacidade que habilita essa fabricação é produto de um pensamento transversal a escritores de diversas línguas que, desde a segunda metade do século XIX e durante as primeiras décadas do XX, se ocuparam em realizar o que poderia ser o fingimento de uma adaptabilidade artística em tempos de aceleração e sobreestimulação modernas. Nesta comunicação, procurar-se-á propor como uma “teoria” sobre a pose, a falsificação e a simulação literárias pode tecer redes internacionais que sugerem um inesperado parentesco do modernismo português de Pessoa, por via dos seus precursores ingleses, com manifestações artísticas latino-americanas, irmanadas pela inclinação para fingir novas formas de arte.

Jorge Uribe é professor associado da Escola de Artes e Humanidades da Universidad EAFIT (Medellín) e doutor pelo Programa em Teoria da Literatura da Universidade de Lisboa. É membro do projeto *Estranhar Pessoa*, com sede na Universidade Nova de Lisboa, e corresponsável pela Edição Digital: *Projetos e Publicações (pessoadigital.pt)*. Foi bolseiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e da Fundação Calouste Gulbenkian. Tem traduzido para espanhol autores de língua portuguesa, entre os quais Pepetela, Valério Romão, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Mário de Andrade e Machado de Assis.

Manuel Portela

Visões e visualizações

A leitura em segundo grau

Como se pode modelar a leitura crítica do *Livro do Desassossego* por uma comunidade de leitores? O módulo “LdoD Leitura Crítica”, a mais recente componente do *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego* (<https://ldod.uc.pt/>), constitui uma resposta concetual e técnica àquela pergunta. Trata-se de uma ferramenta computacional para representar e analisar ensaios sobre o *Livro do Desassossego* com um duplo objetivo: (a) agregar uma seleção representativa da receção crítica do *Livro do Desassossego*; (b) criar uma rede computacionalmente processável de relações textuais entre os documentos selecionados.

Este módulo combina o conhecimento histórico da receção com a hipótese teórica de que os protocolos de leitura crítica podem ser formalizados com base nos seus modos de estabelecer conexões textuais. Através de interfaces que permitem aceder, pesquisar, recuperar, ligar e analisar os documentos e o seu mosaico de citações, a aplicação “LdoD Leitura Crítica” constitui-se como um dispositivo heurístico de descoberta. Seja percorrendo as marcas de leitura na superfície textual, seja percorrendo diagramaticamente as redes individuais e coletivas, a natureza emergente desta leitura em segundo grau manifesta-se nas novas perguntas que nos permite imaginar.

Manuel Portela é professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde coordena o Doutoramento em Materialidades da Literatura e, com Graça Capinha, o Mestrado em Escrita Criativa. É autor, entre outros, dos livros *Literary Simulation and the Digital Humanities: Reading, Editing, Writing* (Bloomsbury, 2022) e *Scripting Reading Motions: The Codex and the Computer as Self-Reflexive Machines* (MIT Press, 2013). Com António Rito Silva, coordena o *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego* (<https://ldod.uc.pt/>; 2017-2025). Foi Diretor do Teatro Académico de Gil Vicente (2005-2008) e é, desde 2023, Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Manuela Parreira da Silva

Poesia e Tradução

Traduzir é sempre uma operação matemática. Multiplicar sem subtrair nem somar. Recriar a obra para tornar o local universal. Nesta mesa serão alvo de diálogo as traduções e tradutores(as) de Fernando Pessoa, uma aritmética plural sem final possível.

Manuela Parreira da Silva é professora aposentada do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), onde lecionou Literatura Portuguesa do Século XX, Cultura Portuguesa do Século XX, Estudos Pessoaanos e Estudos do Modernismo, é investigadora do IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição). Responsável por várias edições de textos pessoanos, é também autora de diversos artigos em jornais e revistas e dos livros, *Realidade e Ficção, para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa* (2004) e *A Grande Guerra do Modernismo Português* (2023).

Mariana Pinto dos Santos

Relação entre interseccionismo e política em *A Engomadeira* de Almada Negreiros

A Engomadeira, novela de Almada Negreiros publicada em 1917, é frequentemente considerada como precursora do surrealismo (por exemplo por Nuno Júdice e Fernando Cabral Martins). No entanto, na carta-prefácio a José Pacheco, Almada, apresentando essa sua obra, refere: «interseccionei evidentes aspectos da desorganização e descarácter lisboetas». Proponho abordar esta novela sob a chave do interseccionismo, que foi de enorme importância para Almada nesses anos (*K4 O Quadrado Azul*, os poemas *Litoral* e *A Cena do Ódio*, e mesmo o conto *Saltimbancos* são textos em que o interseccionismo pessoano é uma clara referência), discordando da ideia de que nela pode ser visto um pré-surrealismo. Por outro lado, e tendo em conta o cruzamento com outros textos de Almada e Pessoa, nomeadamente os textos a que ambos deram o título *Ultimatum* (assinado um deles por Álvaro de Campos) e que foram publicados nesse mesmo ano na revista *Portugal Futurista*, proponho abordar como o interseccionismo nesta novela se torna operativo para vincar uma posição política face à guerra em curso, à então recente República portuguesa e à situação política nacional daqueles anos, uma posição comum a Almada e Pessoa que se afasta da que o futurismo, de que Almada também se reclamou, assumia internacionalmente nesses anos.

Mariana Pinto dos Santos é investigadora do Instituto de História da NOVA FCSH, professora convidada na mesma instituição e curadora independente. Entre as exposições que organizou conta-se *José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno* (F.C. Gubenkian, 2017). O seu último livro, co-editado com Joana Cunha Leal, é *The Primitivist Imaginary in Iberian and Transatlantic Modernisms* (Routledge / Taylor & Francis, 2024). É editora geral de *A Cultural History of the Avant-Garde in the Iberian Peninsula* (Brill), em preparação. É coordenadora do Arquivo Documental Almada Negreiros-Sarah Affonso (NOVA FCSH). É editora nas Edições do Saguão.

Miguel Tamen

Interpretação e Edição

Uma edição fidedigna deve prescindir de qualquer tipo de leitura interpretativa? Ou será o editor também intérprete da obra que edita? A interpretação deve preocupar-se com questões editoriais? A mesa irá discutir possíveis respostas a estas e outras questões, conversando sobre fronteiras entre interpretação e edição.

Miguel Tamen é professor e director do Programa em Teoria da Literatura, na Universidade de Lisboa. O seu livro mais recente, com Brett Bourbon, é *Thinking with Words* (Routledge, 2024).

Nuno Amado

Notas para a leitura de um apontamento de Álvaro de Campos

Em “Apontamento”, um poema publicado na revista *presença* em 1929, Álvaro de Campos dá conta de um acontecimento aparentemente traumático: a sua alma, outrora una, ter-se-ia a determinada altura despedaçado. O vaso inteiro, embora vazio, a que a alma primitiva de Campos é comparada, teria assim dado lugar, ao cair das mãos duma criada incauta, ao conjunto incalculável de cacos por que então passou a definir-se. Assim se explica, por um descuido alheio, a origem do ímpeto sensacionista que o caracteriza enquanto poeta. Nesta comunicação, pretendo sugerir que a história do estilhaçamento da alma que Campos aqui relata coincide em larga medida com a transformação proporcionada pela convivência com Caeiro, tal como documentada nas “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, e que o poema, portanto, se constitui como alegoria de um parto poeticamente assistido.

Nuno Amado é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Completou o seu doutoramento no Programa em Teoria da Literatura da mesma faculdade, com uma tese sobre a obra de Fernando Pessoa. É investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e colabora regularmente com a equipa do projecto “Estranhar Pessoa”. É autor de *Os Anos da Vida de Ricardo Reis* (1887-1936) e editou em 2022 o livro *Toda uma Literatura: Caeiro – Reis – Campos*, uma antologia da obra dos três principais heterónimos de Fernando Pessoa.

Oswaldo Manuel Silvestre

Interpretação e Edição

Uma edição fidedigna deve prescindir de qualquer tipo de leitura interpretativa? Ou será o editor também intérprete da obra que edita? A interpretação deve preocupar-se com questões editoriais? A mesa irá discutir possíveis respostas a estas e outras questões, conversando sobre fronteiras entre interpretação e edição.

Oswaldo Manuel Silvestre é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. As suas últimas publicações são o volume *Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva*, Braga, UMinho Editora, 2020, coorganizado com Rita Patrício; o dossiê temático do número 209, de janeiro de 2022, da revista *Colóquio/Letras*, com o título "A Voz na Literatura", coorganizado com Pedro Serra; o volume coletivo *Eduardo Lourenço: um tempo brasileiro breve, mas duradouro*, 2024, editado pelo Centro de Estudos Ibéricos; o volume 14 da Revista de Estudos Literários, do Centro de Literatura Portuguesa da FLUC, dedicado ao tema "A Teoria da Literatura no Brasil", coorganizado com Diego Giménez.

Pedro Sepúlveda

O mundo de Álvaro de Campos

O sentimento de inseparabilidade entre o eu e o mundo é definidor da poesia de Álvaro de Campos. Tanto nas grandes Odes, em que um desejo de abarcar o mundo determina a vivência de uma pluralidade de sensações, quanto em poemas tardios, marcados pelo desalento e a desilusão perante todas as doutrinas, este sentimento conduz a descrições da substância do eu como coincidente com as características do lugar que habita. Percorrendo diversas modulações desta simetria na poesia de Campos, procurar-se-á mostrar como dela emerge uma noção particular de sujeito imerso no mundo.

Pedro Sepúlveda é professor associado no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da mesma instituição. O seu trabalho desenvolve-se nos campos da Literatura Moderna e da Crítica Textual, com foco em Fernando Pessoa e no modernismo literário português. Coordena o projeto de investigação Estranhar Pessoa (estranharpessoa.com), é coeditor da *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações* (pessoadigital.pt) e publicou recentemente o ensaio *Ostensivo e Reservado. Leituras de Pessoa* (IN, 2024).

Ricardo Vasconcelos

Livro do Desassossego, ou as virtudes de um livro (sobre um) falhado

O *Livro do Desassossego* desafia-nos a ver o mundo através dos olhos de um absoluto falhado. Mais do que um vencido da vida anterior, Bernardo Soares é alguém a quem as ilusões nunca enganaram. Soares faz parte, lucidamente, daquela “espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem”, duma “humanidade na sombra” contrastante com os que “governam o mundo”. Sendo pessoal, esta experiência é também a de um coletivo português do início do século XX, que enfrenta o declínio imperial procurando fazer pela vida. Contudo, Soares traslada-se ao Panteão Universal dos falhados literários – de Quixote a Bartleby – uma Internacional dos Falhados que ganha relevância na moderna polarização entre vencedores e perdedores. Em *In Praise of Failure*, o filósofo Costica Bradatan destaca a importância social do falhado, desde logo essencial para o afirmar o sucesso alheio. Dialogando com esse ensaio, esta apresentação aborda o *Livro do Desassossego*, somatizador do fracasso na sua fragmentação e incompletude, propondo a fórmula *falhanço = sucesso – tempo/perspectiva*. Pessoa demonstra-nos que, num império em decadência e perante a aceleração da modernidade, o regozijo no falhanço humaniza ao contrapor-se à esvaziada retórica do sucesso. O desafio é reconhecermos que ... *Bernardo Soares, c'est moi*, para aspirarmos a uma forma de libertação.

Ricardo Vasconcelos é professor de língua portuguesa e de literatura e cultura luso-brasileira na San Diego State University, Califórnia, onde também dirige o Departamento de Espanhol e Português. Estuda a literatura moderna e contemporânea portuguesa, abordando relações entre os modernismos lusófonos e as vanguardas internacionais, e adoptando metodologias tanto da crítica e da teoria literária como da crítica textual. Entre outros trabalhos, publicou edições críticas de Mário de Sá-Carneiro e editou diferentes volumes de revistas sobre o modernismo. Em 2021-2022, foi bolseiro do programa Fulbright U.S. Scholar (2020-2021).

Richard Zenith

Poesia e Tradução

Traduzir é sempre uma operação matemática. Multiplicar sem subtrair nem somar. Recriar a obra para tornar o local universal. Nesta mesa serão alvo de diálogo as traduções e tradutores(as) de Fernando Pessoa, uma aritmética plural sem final possível.

Richard Zenith é organizador do *Livro do Desassossego*, entre muitas outras obras de Fernando Pessoa, e tradutor de Pessoa, Camões, Carlos Drummond de Andrade e outros poetas para inglês. O seu livro *Pessoa: A Biography* (2021) traduzido para português e outras línguas, foi finalista do prêmio Pulitzer e eleito um dos melhores livros do ano por *The New York Times*, *The New Statesman* e outras publicações.

Rita Patrício

“Além-Deus”

Uma leitura

Em carta datada de 26 de Fevereiro de 1913, sobre o conjunto de poemas “Além-Deus”, escreveu Mário de Sá-Carneiro: “Coisas como essas não se apreciam, veneram-se”. A presente comunicação pretende apreciar criticamente esses poemas, escolhidos por Pessoa para serem publicados em *Orpheu 3*, discutindo as relações que estabelecem com outros momentos da obra pessoana. Nessa leitura, será relevante considerar os ecos dos sonetos de Antero na poesia de Pessoa.

Rita Patrício ensina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é membro do seu Centro de Estudos Comparatistas. Publicou *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa* (2012) e *Apontamentos. Pessoa, Nemésio, Drummond* (2016); e co-editou com Osvaldo M. Silvestre *As Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva*. É autora de vários ensaios, em volumes coletivos e em revistas especializadas, decorrentes dos seus estudos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea, nomeadamente sobre Fernando Pessoa.

Rita Taborda Duarte

Homenagem a Manuel Gusmão e Nuno Júdice

Manuel Gusmão e Nuno Júdice deixaram-nos leituras atentas e produtivas da obra pessoana. Esta mesa pretende celebrar a relevância e a atualidade desses contributos. O que continuamos a aprender sobre Fernando Pessoa com estes dois poetas-críticos?

Rita Taborda Duarte é Mestre em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras, com uma tese intitulada «Da aporia na crítica de um texto poético», foi docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e na Universidade Beira Interior. Atualmente, é professora adjunta convidada na Escola Superior de Comunicação Social.

Rosa Maria Martelo (não estará presente)

Homenagem a Manuel Gusmão e Nuno Júdice

Manuel Gusmão e Nuno Júdice deixaram-nos leituras atentas e produtivas da obra pessoana. Esta mesa pretende celebrar a relevância e a atualidade desses contributos. O que continuamos a aprender sobre Fernando Pessoa com estes dois poetas-críticos?

Rosa Maria Martelo é investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, professora catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Publicou os seguintes livros de poesia: *A Porta de Duchamp* (2009), *Matéria* (2014), *Siringe* (2017) e *Desenhar no Escuro* (2023). Entre os seus ensaios mais recentes contam-se *Os Nomes da Obra – Herberto Helder ou o Poema Contínuo* (2016), *Devagar, a Poesia* (2022) e *Matérias Difusas, Poderosas Coisas* (2022). Coorganizou a antologia *Poemas com Cinema* (2010) e *Uma Espécie de Cinema* (2019) e organizou a *Antologia Dialogante de Poesia Portuguesa* (2021). Codirige a revista on line *eLyra* (elyra.org.).

Rui Sousa

Os heterónimos e as etapas da história das religiões, a partir da Biblioteca Pessoal de Fernando Pessoa

Nesta comunicação, propõe-se uma abordagem a alguns dos livros sobre história da religião conservados na Biblioteca particular de Fernando Pessoa, com particular incidência para John M. Robertson, Henry Drummond e Herbert Spencer, relacionando o percurso histórico patente nesses livros e a estrutura orgânica delineada para o processo heteronímico. Nessas obras, os autores apresentam uma compreensão do percurso histórico das religiões que parte de um momento primitivo associado ao culto do Sol, evoluindo para diferentes mitologias pagãs e, finalmente, para uma ideia de monoteísmo que acaba por anular os diferentes cultos solares. Procurarei explorar a hipótese de os heterónimos representarem, em parte, manifestações dessas etapas, em torno de uma figura de mestre que representa algo próximo do conceito de *Pagan Christ*, que dá título a uma das obras de Robertson. Assim, procurarei sugerir que Alberto Caeiro, Ricardo Reis, António Mora e Álvaro de Campos exprimem também, no contexto das múltiplas vertentes de interesse de Pessoa, o amplo contacto do poeta com problemas relacionados com a história das religiões e com a constituição mistificadora da figura de Jesus Cristo, assim como da sua inscrição num percurso histórico e cultural que enquadra o projecto Neo-Pagão pessoano.

Rui Sousa é Investigador do Grupo 1 do CLEPUL. Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea (2009) e Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura (2019), pela FLUL. Participou na obra *1915: O Ano do Orpheu* (coord. Steffen Dix). Colabora na revista *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou *A Presença do Objecto no Surrealismo Português, Do Libertino: revisões de um conceito através do caso de Luiz Pacheco* (2023) e *Cesariny e o Monstro Pessoa* (2024). Coordena o projecto de investigação *Contextos Críticos do Modernismo e do Surrealismo em Portugal*.

Talita Lilla

“Erraste, Poeta!”

Pessoa e a flecha apontada para si

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar a discussão realizada em um dos capítulos da tese em andamento sobre a intertextualidade entre a poesia de Fernando Pessoa e a poesia de Miguel Torga.

A pesquisa busca contextualizar dialeticamente essa relação e revisar a extensão e o significado desse diálogo poético. Para isso, a tese antologiza um conjunto de composições de ambos os poetas, propondo uma leitura comparativa entre poemas que apresentam significativos traços em comum. Com isso, procura-se mostrar que a intertextualidade com a poesia de Pessoa não é episódica na obra de Torga, mas configura uma parte importante de sua visão poética, seja por adesão, seja por afastamento.

Para este Congresso, a amostra a ser apresentada faz parte do capítulo que aproxima o poema “O menino da sua mãe”, de Pessoa, publicado pela primeira vez na *Contemporânea* (1926) e o poema “Alvo”, de Torga, publicado no livro *Orfeu Rebelde* (1958). O poema dialoga ainda com “Autopsicografia” – sobretudo em seus versos finais, propondo uma reflexão centrada no ofício poético.

Assim, a discussão busca compreender de que modo o poema analisado retoma a composição pessoana, remodelando os elementos poéticos de acordo com a compreensão de Torga sobre o trabalho artístico.

Talita Lilla faz Doutorado Direto em Literatura Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, realizando estágio em pesquisa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Sua investigação trata das relações intertextuais entre a poesia de Fernando Pessoa e a poesia de Miguel Torga. Possui dupla habilitação em Letras (Inglês/Português) na Universidade de São Paulo (USP, 2018) e especialização em Escrita de Não-Ficção no Instituto Vera Cruz (2020). Faz parte do Grupo de Pesquisa “Estudos Pessoaanos”, coordenado pelo professor Caio Gagliardi.

Taynnã de Camargo Santos

“Um animal humano que a Natureza produziu”

Os animais na obra de Alberto Caeiro

Analisaremos a relação entre Alberto Caeiro, o “único poeta da Natureza”, e os animais na sua obra, destacando o seu papel na construção da visão do mundo do poeta. Embora os animais raramente sejam protagonistas, surgem como exemplos de uma existência livre da mediação do pensamento, em consonância com o magistério de Caeiro. No poema XL de *O Guardador de Rebanhos*, a borboleta representa essa sintonia com a Natureza, em contraste com a condição humana, que não consegue experienciar a realidade sem o filtro do pensamento.

Daremos especial atenção ao editorialmente complexo “ciclo da doença” de *O Guardador de Rebanhos*, no qual Caeiro expressa um desejo de ser como um animal, algo que contrapõe parte da sua filosofia. Esta análise será comparada com a representação dos animais por outros heterónimos, como Bernardo Soares, para quem os animais refletem as inquietações humanas.

Por fim, com base em Derrida (*L'Animal que donc je suis*), abordaremos a capacidade dos animais, na visão de Caeiro, de ensinarem os humanos a viver integrados na Natureza, como exemplificado no verso do poema XLIII de *O Guardador de Rebanhos*: “Passa, ave, passa, e ensina-me a passar”.

Taynnã de Camargo Santos é doutorando no programa de Modernidades Comparadas na Universidade do Minho, onde desenvolve a tese “Um catálogo de monstros - os animais em Fernando Pessoa. É mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma universidade com a dissertação *Além da Curva da Estrada: metáforas de vida e morte na poesia de Alberto Caeiro e Fernando Pessoa-ortónimo*. Licenciado em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero (2007) e pós-graduado em Globalização e Cultura pela FESPSP (2012). É cofundador do coletivo literário Sinestéticas e coeditor da revista digital *Agagê 80* e da antologia *Posfácios* (Urutau, 2021).

Teresa Líbano Monteiro

Fernando Pessoa: questão que tenho comigo mesmo

José Régio crítico ante a obra pessoana

Fernando Pessoa é, consabidamente, o calcanhar de Aquiles das relações literárias de José Régio – e por estas entenda-se, de modo bloomiano, a influência de escritores anteriores (Pessoa) sobre um escritor mais recente (Régio), visível na obra deste último. Ainda que Régio seja extraordinariamente arguto e lúcido na maioria da crítica que redige, quando escreve sobre Pessoa tais faculdades são substituídas por uma intrigante incompreensão das características mais originais da obra do autor de *Mensagem* – dentre elas, a heteronímia e o desmedido intelectualismo. A comunicação visa estudar a obra ensaística de José Régio sobre Fernando Pessoa, e nela sondar a raiz de tal relação problemática, embora não isenta de admiração. Procurar-se-á explicar como, na senda do argumento bloomiano apresentado em *The Anxiety of Influence*, o desconforto de Régio com a obra pessoana provém da ansiedade provocada pelas estranhas semelhanças existentes entre ambos, semelhanças essas que vão, ademais, ao arrepio da própria teoria poética regiana. Ver-se-á assim como, paradoxalmente, o incómodo que Pessoa gera em Régio, e que o torna alvo de críticas por vezes desconcertantes, se prende com a profunda afinidade que, na realidade, ambos partilham – sendo que Régio refreia o intelectualismo a que é dado largas na obra de Pessoa.

Teresa Líbano Monteiro é licenciada em Artes e Humanidade pela Universidade de Lisboa (UL) e mestre em Estudos de Cultura pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), com uma tese comparatista sobre os contos de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Mary Lavin e respectivos contextos históricos. Prepara, neste momento, uma dissertação de doutoramento em Teoria da Literatura (UL) sobre José Régio, sendo bolseira da FCT (com a referência 2022.12337.BD). É, também, leitora na UCP e membro do CECcomp, tomando parte no grupo de investigação Morphe-Textualidades.

Vincenzo Russo

Pessoa e o Ocidente

Fernando Pessoa numa lista de projetos de 1929 chamada Matéria controversa inclui um ensaio que tem por título *O Conceito de Ocidentalidade*. De que forma Pessoa teoricamente pensou o Ocidente? E sobretudo como é que o conceito de Ocidente que Pessoa herda de várias tradições do pensamento oitocentista é reconfigurado poeticamente ou contribui para desenhar um cronótopo literário?

O conceito de Ocidente como civilização - tal como absorvido pelas leituras da historiografia inglesa, de certa sociologia alemã e do pensamento francês - atravessa os escritos do ensaísta «por subtração» que é Pessoa e dos outros pensadores heterónimos, em particular Ricardo Reis e António Mora: a este último Pessoa atribui em particular a tarefa de apontar - como um certo pensamento da crise europeia o teria feito, entre o final do século XIX e o início do século XX, reagindo à degenerescência da Modernidade - a decadência do Ocidente enquanto civilização moderna. A cultura europeia jogou e jogará durante muito tempo com esta hipótese de declínio, com esta ideia orgânica do fim da civilização ocidental que em Pessoa, como veremos, assume, no entanto, conotações diferentes, sobretudo quando dá corpo a um verdadeiro imaginário poético.

Vincenzo Russo ensina Literatura Portuguesa e Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade de Milão onde coordena a Cátedra António Lobo Antunes (Instituto Camões). Entre os seus volumes mais recentes: *A Resistência Continua. O Colonialismo Português, as Lutas de Libertação e os Intelectuais Italianos* (2022); com Roberto Vecchi, *A Literatura Portuguesa. Modos de Ler* (2022). É tradutor de autores portugueses (Bocage, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço, António Ramos Rosa, José Luís Peixoto). De 2014 a 2021, foi Secretário-Geral e Tesoureiro da Associação Internacional de Lusitanistas. Organizou em 2023 com Miguel Cardina e Elisa Alberani a exposição e o livro *Revoluções. Guiné-Bissau, Angola e Portugal (1969-1974)* com as fotografias do repórter italiano Uliano Lucas.

APOIO



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FLAD
FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO



APOIO À DIVULGAÇÃO



***Nada se sabe,
tudo se imagina.***

Ricardo Reis